



NARRATIVIDADE E TEMPORALIDADE NA LINGUAGEM: ESTUDO NEUROLINGÜÍSTICO DOS ENUNCIADOS DE UM SUJEITO COM DIAGNÓSTICO DE DOENÇA DE ALZHEIMER

Daniely Martins dos Santos Ferraz
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: dany_msf@hotmail.com

Nirvana Ferraz Santos Sampaio
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: nirvanafs@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O envelhecimento humano é um processo comum a todos os seres vivos. Mudanças na pirâmide etária em todo o mundo trouxeram consequências para a sociedade e, obviamente, para os indivíduos idosos, devido, entre outros fatores, ao aumento das doenças conhecidas essencialmente como de pessoas idosas, como as demências, por exemplo. Dentre as inúmeras doenças que pode ocasionar a demência, a doença de Alzheimer (DA) corresponde a maior parte das ocorrências diagnosticadas. Indivíduos com DA apresentam alterações cognitivas, de linguagem e de comportamento que se agravam durante o curso da doença. Avaliações clínicas de pacientes com a doença demonstram alterações de fala e de linguagem desde os estágios iniciais.

Dentre os fatores linguísticos, Panhoca (2013) denota que a narrativa é um dos tipos de discurso que mais resiste aos quadros neurológicos. Beilke e Novaes-Pinto (2010) evidenciam que a produção de narrativas tem se constituído um lugar efetivo para se observarem as possibilidades de resgate de eventos ocorridos no passado (as memórias) e se analisarem as dificuldades encontradas pelos sujeitos com DA com os processos linguísticos e cognitivos.

O homem se coloca no mundo como sujeito na e pela língua e esse domínio é marcado pela temporalidade. Falar do passado através do presente por meio de narrativas revela a natureza sui-referencial do tempo linguístico, pois “o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 1976, p. 85). Desse modo, o ato



de narrar faz com que continuidade e temporalidade se engrenem no presente contínuo e coextensivo da enunciação.

O objetivo deste estudo é analisar o papel da narratividade para a apropriação de índices específicos que revelam a temporalidade na linguagem por um sujeito com doença de Alzheimer, tendo como objetivos específicos o propósito de discutir sobre o envelhecimento, a doença de Alzheimer e o impacto linguístico-cognitivo que dela decorre e verificar os recursos linguísticos que o sujeito mobiliza para viver o agora na sua enunciação após dano neurológico.

Tendo em vista o crescimento do número de idosos em todo o globo e, evidentemente, um aumento proporcional das doenças típicas dessa fase, observa-se a necessidade de reflexões acerca das implicações sobre a DA, uma vez que faz parte do conjunto das mais importantes doenças comuns na velhice que culminam um declínio funcional e progressivo. Por isso, é imperativo o desenvolvimento de pesquisas que relacionem linguagem e DA e os recursos que resistem posteriormente ao comprometimento cerebral.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica do presente estudo trata-se de uma pesquisa longitudinal de natureza qualitativa. O sujeito investigado chama-se LP, sexo feminino, 74 anos, brasileira, que há 6 anos recebeu o diagnóstico de DA. A idosa foi acompanhada no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em uma prática clínica ancorada na interlocução que teve como intuito avaliar a linguagem do sujeito em funcionamento.

Em relação aos aspectos legais da ética em pesquisa com seres humanos, este trabalho foi desenvolvido mediante a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Santa Cruz, número do CAAE 02249017.8.0000.5526 e após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do responsável e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido do participante.

Empregou-se o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp) para transcrição dos dados e as análises fundamentaram-se nos estudos de Émile Benveniste (1966, 1976), no campo



da enunciação e da subjetividade, e, principalmente, nas pesquisas desenvolvidas na área da Neurolinguística Enunciativo-discursiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas situações dialógicas pôde-se perceber o funcionamento da linguagem de LP e como ela opera sobre o material linguístico que tem a sua disposição, apoiando-se na narratividade para driblar as instabilidades linguístico-cognitivas e demarcando o presente ao realizar o ato enunciativo no “aqui e agora” para representar suas emoções, pensamentos e ideias. Vejamos os recortes de episódios abaixo:

Situação enunciativa-discursiva 19/01/2018

Na tabela I, observamos o trecho de um diálogo entre LP, Idf, pesquisadora. Estavam presentes na conversa CTN, filha de LP e AC, neta da idosa e sobrinha de CTN. Neste momento, falávamos sobre os netos de LP. AC, sua neta mais velha é a que convive mais tempo com a avó. TN, citada na conversa, é uma das filhas de LP, mãe de AC.

TABELA I: A neta

Turno	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal.	Observações sobre enunciado não verbal
1	Idf	Oh, Dona LP, TN tem quantos filhos?		
2	LP	TN?		
3	Idf	É! Tem ela		Aponta para AC.
4	LP	TN? Acho que é cinco ou seis, não tô lembrada não!	Risos.	
5	Idf	A senhora não lembra não?		
6	LP	Lembro não!		
7	Idf	AC tem irmãos?		
8	LP	Tem não, o irmão dela morreu.	Risos.	

Fonte: Elaboração das autoras

Nos turnos 4 “TN? Acho que é cinco ou seis, não tô lembrada não!” e 8 “tem não, o irmão dela morreu”, percebe-se certa desorientação temporal em LP, uma vez que, em ambos os turnos, remonta sua história como a história do outro (LP tem cinco filhos e anteriormente a essa conversa, a idosa relatava sobre a morte de um irmão). Esse fato pode ser atribuído ao avançar da doença, ao passo que desorientação espaço-temporal e dificuldades em distinguir eventos do presente e do passado são sintomas da DA, principalmente na fase moderada em que LP se encontra.



Verificamos que LP apresenta uma noção de presente que é demarcada por sua linguagem e utiliza um conjunto de instrumentos enquanto locutor para realizar o ato enunciativo no aqui e agora, como os indicadores dêiticos, a instância discursiva *eu/tu* postulados por Benveniste. À medida que a idosa narra suas histórias de vida, institui o presente formal através do presente inerente a enunciação, que se renova a cada produção de discurso. Apesar de LP ter dificuldades em distinguir de forma clara eventos do passado, observamos que há uma delimitação do que é presente e do que já não é mais, ainda que esse “não presente” se mostre confuso para ela. LP vai imprimindo sua subjetividade inerente ao exercício da linguagem, os artifícios de arranjos, de construção de sentidos, por meio da organização linguística da noção de tempo.

Situação enunciativa-discursiva 02/03/2018

No episódio dialógico abaixo, estavam presentes LP e a investigadora Idf. A idosa relata a dificuldade em lembrar-se das coisas por conta do “problema de esquecimento”.

TABELA II: “Problema” de esquecimento

Turno	Sigla do locutor	Transcrição	Observações sobre condições do enunciado verbal	Observações sobre enunciado não verbal
1	Idf	A senhora nem tá lembrada de mim, né?		
2	LP	Hein?		
3	Idf	A senhora tá nem lembrada de mim, tá não?		
4	LP	Tô, ouxe () não esqueço.		
5	Idf	A senhora me viu essa semana?		
6	LP	Hein?		
7	Idf	A senhora me viu essa semana?		
8	LP	Essa semana eu não me lembro, né, tô com problema de esquecimento. Eu vim aqui?		

Fonte: Elaboração das autoras

Podemos observar que, quando a investigadora é mais específica na pergunta, LP afirma não se lembrar se a encontrou nessa semana (turno 8) por conta do seu problema de esquecimento e, logo após, pergunta se esteve naquele local, demonstrando que realmente não havia conseguido fazer o resgate da informação. Quando pergunta “*eu vim aqui?*”, LP se apresenta como sujeito remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Percebemos que a idosa se estabelece como *eu* dirigindo-se a investigadora



que é seu alocutário na situação do diálogo, suscitando-lhe uma resposta. Na mesma pergunta, ao proferir o advérbio *aqui*, LP delimita a instância espacial e temporal que se relaciona a instância discursiva *eu*. Mesmo não sabendo, em tese, onde é *aqui* (LP sempre afirma não se recordar daquele local – sala de atendimento do Lapen – ao ser questionada pela investigadora), a idosa demarca uma localização que, para ela, é estranha, mas se utiliza desse mecanismo para tentar responder a pergunta anterior da investigadora: “a senhora me viu essa semana?” (turno 7). Dessa forma, perguntar se já esteve naquele lugar, suscitaria uma resposta da investigadora que, além de responder o que foi perguntado, também apontaria a LP se a viu ou não.

CONCLUSÃO

Através da pesquisa desenvolvida foi possível compreender o funcionamento linguístico-discursivo do sujeito LP, tendo em vista a narratividade como recurso para apropriação de índices específicos que revelam a temporalidade na linguagem. As dificuldades em se localizar no tempo e no espaço, observadas em seu relato, podem ser atribuídas ao avançar da doença, tornando, algumas vezes, seus enunciados confusos e comprometendo a situação enunciativa. No entanto, embora não se desconsidere as dificuldades linguísticas e cognitivas enfrentadas pela idosa, situamos a linguagem como uma atividade de significação que constitui a realidade humana e que resiste ao dano neurológico. Destarte, constatamos que LP apropria-se de índices específicos produzidos na e pela enunciação para demarcar certa noção de tempo, como os indicadores dêiticos e a instância discursiva *eu/tu*.

PALAVRAS-CHAVE: Doença de Alzheimer; Neurolinguística Enunciativo-discursiva; Narratividade.

REFERÊNCIAS

BEILKE, H.M.B.; NOVAES-PINTO, R.C. A narrativa na demência de Alzheimer: reorganização da linguagem e das “memórias” por meio de práticas dialógicas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 39, n. 2. p. 557-567, 2010.



BENVENISTE, É. **Problemas de Lingüística geral I**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1966.

BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística geral II**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BURLÁ, C. et al. Envelhecimento e doença de Alzheimer: reflexões sobre autonomia e o desafio do cuidado. **Rev. bioét. (Impr.)**, 22 (1), p. 85-93, 2014.

MACHADO, J. C. B. Doença de Alzheimer. In: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. cap. 25.

PANHOCA, I. Histórias de vida de pessoas com Doença de Alzheimer: Linguagem e presença de sujeito. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 42 (2): p. 878-888, maio-ago 2013.